



O DEMÔNIO NA OBRA *LIVRO DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA* (1573), DE FREI NICOLAU DIAS, O.P.

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4077

André Rocha Cordeiro, UEM

Resumo

O trabalho que aqui propomos integra as pesquisas realizadas junto ao Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades (LERR/UEM) e à Pós-Graduação em História (PPH-UEM) e têm objetivo apresentar algumas reflexões acerca da figura e da representação do Demônio na obra *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573), de Fr. Nicolau Dias. Figura antagônica do cristianismo e de ações consideradas maléficas, o Demônio ao longo da História da Igreja Católica assumiu diferentes formas e representações. A proposta norteadora do presente trabalho consiste em verificar como que tal personagem da mitologia cristã foi representada no século XVI. A fonte que faremos uso em nossa análise consiste na obra de autoria do frade dominicano Nicolau Dias, *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, impressa na casa de Francisco Correa e publicada no ano de 1573, em Lisboa, Portugal. Parte-se, metodologicamente, das discussões acerca da construção de narrativas hagiográficas de Michel de Certeau (1982) e Gerardo Fabián Rodríguez (2012) e das reflexões acerca de representações de Roger Chartier (1992). Compreendendo que todo documento é fruto de seu tempo histórico e que apresenta marcas deste, de forma direta ou indireta, faremos uso do conceito de utilização mental, de Lucien Febvre (2009) na perspectiva de compreender as ferramentas mentais utilizadas por Fr. Nicolau Dias em seu processo de apropriação e representação do Demônio.

Palavras Chave:

Fr. Nicolau Dias;
Demônio, Livro do
Rosário de Nossa
Senhora, século XVI;
Portugal.

Introdução

A figura do demônio, ao longo dos períodos históricos, foi se transmutando e assumindo características distintas, demonstrando-se, desse modo, uma figura não estática. Uma exemplificação, talvez simples, porém relevante pode ser observada por meio das narrativas cinematográficas, as quais, conforme cada período histórico diretores e roteiristas constroem distintas representações de personagens demoníacas, como a figura do demônio na película *Alucarda* (1977), de Juan López Moctezuma em contraposição a mesma figura em *Lisa e il Diavolo* (1973), de Mario Bava, em *The Exorcist* (1974), de William Friedkin, ou, até mesmo, em *Annabelle: Creation* (2017), de David Sandberg.

Cabe destacar que, não se faz foco, do presente texto, analisar as representações demoníacas nos referidos filmes, entretanto, consideramos relevante apresentá-las, mesmo que de forma reduzida e simplista, enquanto ferramentas para a construção de analogias e paralelos mentais, pois, os diferentes diretores e roteiristas, embora situados em uma mesma temporalidade – como os casos de Juan López Moctezuma, de Mario Bava e de William Friedkin que produzem seus filmes na década de 1970 – partilham de construções imagéticas do demônio distintas, que são apropriadas, ressignificadas e representadas em suas películas.

Considerado o arqui-inimigo de Deus, na narrativa mitológica judaico-cristã, o demônio, quase sempre, foi relacionado com o maligno, sendo utilizado enquanto figura a ser combatida e temida nos discursos eclesiais. Ademais, esta mesma personagem foi, e vem sendo, utilizada enquanto uma ferramenta moralizante, uma vez que aqueles que não seguiam os desígnios de Deus estariam propensos a cair nas

tentações e artimanhas do demônio. Um exemplo do uso de tal figura enquanto moralizante pode ser vista na atualidade, quando em 30 de outubro de 2014, quinta-feira, o papa Francisco ao ser questionado sobre a existência da figura em questão declarou: “E esta geração e a muitas foi dito que o diabo era um mito, uma figura, uma ideia, uma ideia do mal. Mas o diabo existe e nós devemos lutar contra ele!”. E continua, discursando ao público de fieis e clérigos presentes na capela da Casa de Santa Marta, no Vaticano: “Mas nós não estamos muito convencidos [...] O diabo é mentiroso, é o dos mentirosos, o pai da mentira” (ECCLESIA, 2014).

Compreendendo que Francisco é possuidor de uma linguagem autorizada, a partir dos referenciais teóricos de Pierre Bourdieu (1998), e fala em nome de uma instituição detentora de um capital simbólico, podemos observar que o referido indivíduo propõe, em seu discurso, que os membros da Igreja Católica busquem resistir e combater os desígnios demoníacos e que tal existe enquanto um “mentiroso” e pai de tal pecado católico. Desse modo, verificamos que embora seja um arqui-inimigo da divindade boa do cristianismo, o demônio se faz uma ferramenta no discurso eclesial.

A partir de tais constatações, de que cada período histórico pensa a figura do demônio e suas características de formas diversas, buscaremos apresentar algumas reflexões acerca da figura e da representação do Demônio na obra *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573), de Fr. Nicolau Dias.

Um monoteísmo complexo: breves considerações acerca da figura do demônio

A figura do demônio, conforme já afirmado, não se caracteriza enquanto estática ou como uma imagem congelada no tempo. Esta figura polimórfica foi

pensada e construída nos discursos eclesiásticos a partir dos sistemas religiosos e das categorias existentes nos mais diversos contextos históricos. Segundo Jacques Le Goff (2010, p. 28-30), na Idade Média após a consolidação do Deus cristão, com *D* maiúsculo, os vários demônios do mundo antigo foram reclassificados enquanto bons e ruins, ou seja, anjos e diabos, respectivamente. Mesmo combatendo a doutrina de Mani, no século III d.C., no qual haveria uma dualidade de bem e mal da figura de Deus, a Igreja e seus representantes/pensadores teve de fornecer explicações aos fiéis acerca da presença dos maldosos no mundo material.

Em particular, o mundo antigo era cheio de demônios. Na origem, o *daimón*, uma palavra grega, pode ser bom ou mau. O cristianismo medieval reclassifica essa família de bons e maus demônios em anjos e diabos. Haverá, assim, uma atitude ambígua a respeito do maniqueísmo, essa religião oriental que opõe um deus do bem e um deus do mal. Como crença, como dogma, o maniqueísmo é recusado de modo absoluto pelo cristianismo. Todavia, em matéria de comportamentos, as tentações serão grandes, entre os homens e mulheres da Idade Média, no sentido de opor bem e mal. [...] Por que existem os maldosos no mundo, por que os pagãos, por que existem fermentos ruins a excitar a natureza? É porque servem a Deus de instrumento para punir os pecados. Desempenham um papel fundamental na concepção da história, isto é, na concepção histórica dos cristão da Idade Média. Uma concepção dominada, conduzida por Deus, mas na qual é necessário achar uma explicação para aquilo que aparece escandaloso ou maldoso da parte de um Deus que, entretanto, está a ponto de ser torar, através de um impulso generalizado de todo esse período, não apenas um bom deus,

mas o Bom Deus. (LE GOFF, 2010, p. 28-29).

Importante destacar, conforme aponta François Hartog (1999), um *nós* (cristãos) e um *eles* (seguidores de Mani) foi construído pelo discurso eclesiástico ao redefinir as figuras do mundo antigo e que estavam presentes nas narrativas bíblicas, na tentativa de erigir a imagem do Bom Deus, justo e todo-poderoso. A criação do Bom Deus, com letras maiúsculas, suscitou a estruturação de novos heróis, em consonância com o “herói supremo”: Deus. Segundo Le Goff (2010, p. 30), é neste contexto histórico que teremos a edificação das personagens heroicas do cristianismo dos santos e santas, enquanto substitutos e substitutas dos antigos heróis pagãos. A santidade ressignificada, torna-se, assim, instrumento de significância na espiritualidade medieval no qual os santos se tornam modelos a serem seguidos pela fé, devoção, força e coragem, principalmente diante do martírio (LE GOFF, 2010; VAUCHEZ, 1987).

Documentos eclesiásticos e narrativas hagiográficas foram compiladas, como o caso da *Legenda Áurea*, de Jacopo de Varazze (1228-1298), com o objetivo de difundir exemplos morais e religiosos dos santos e santas medievais. No caso da obra compilada por Varazze, esta possuía nitidamente a intenção de difundir valores morais edificantes e arregimentar um maior número de fiéis para a Igreja Católica no século XIII. Segundo Hilário Franco Júnior (2003), em nota introdutória da edição brasileira da *Legenda Áurea*, a coletânea de narrativas hagiográficas (que contabilizam mais de mil manuscritos de vidas santorais), organizadas por Varazze, conheceu enorme sucesso na Idade Média, de modo que tornou-se fonte de estudos dos religiosos na elaboração de suas homilias, nos estudos religiosos e pregações do período.

De acordo com Tereza Renata Silva da Rocha (2009), a figura do

demônio aparece em várias hagiografias de Varazze enquanto um recurso pedagógico contra os atos pecaminosos.

O Diabo e os demônios aparecem em grande parte das narrativas e estão inseridos na pedagogia dominicana contida na obra de Jacopo. Suas formas e ações na obra têm como um dos objetivos pressionar o público para que reaja ao pecado. As cidades, alvo maior da pregação dos mendicantes em geral e dos dominicanos em particular, são locais onde o pecado vigora e as manifestações heréticas têm espaço para se expandir. As figuras do Mal punem os pecadores de forma cruel e com a autorização de Deus (ROCHA, 2009, p. 382).

Ainda segundo a autora, a legião de demônios existentes na *Legenda Aurea*, se manifestam de variadas formas e seres, além de se disfarçarem.

Já Satanás tem a forma de “um etíope de grande estatura”. (*LA*, p.421). Possui “olhos e boca que pareciam lançar chamas”. (*LA*, p.300). Na história de Santo Antônio, é representado como um gigante que captura as almas que se dirigem ao Céu. (*LA*, p.174). Crisóstomo fala do Diabo como uma figura que engole os pecadores. (*LA*, p.522). [...] Entretanto, nem sempre o Diabo e seu séquito provocam medo nas pessoas, ao contrário, em algumas narrativas da *Legenda Aurea*, essas criaturas promovem o riso, estão ligadas ao humor (ROCHA, 2009, p. 384).

Diante da presença da figura do demônio na espiritualidade e discursos eclesialístico da Idade Média, Jeromê Baschet (2006) propõe pensar o cristianismo medieval enquanto um complexo monoteísmo. As posições ocupadas pela Santíssima Trindade, pelo Diabo e, também, pela Virgem Maria no período medieval são complexas, entretanto o Diabo assume as características de oposição das outras

figuras sagradas positivas do cristianismo. Além disso, “ele [o diabo] modera a tendência politeísta do cristianismo medieval, reduzindo a multiplicidade das figuras à unidade de um único combate (BASCHET, 2006, p. 326). Ademais, Baschet (2006) compreende que o Diabo tornou-se uma das figuras mais relevantes no imaginário cristão medieval, principalmente devido suas características de tentador, opositor, encarnação do mal e modelo dos ímpios.

Um outro exemplo desse complexo monoteísmo pode ser verificado nas narrativas de hagiografias marianas, como o caso de *Los milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Barceo (1198-1264). Na referida obra, o demônio é representado enquanto polimórfico: por vez antropomórfico, ora zoomórfico e outras vezes enquanto um ser híbrido.

Tal constatações no inquietam e nos fazer questionar acerca das representações que o mesmo ser sagrado assumiu no discurso de Fr. Nicolau Dias, em Portugal, no século XVI. A partir de tais referenciais teóricos e metodológicos de Michel de Certeau (1982) e Gerardo Fabián Rodríguez (2012), sobre hagiografias, e das reflexões acerca de representações de Roger Chartier (1992), buscaremos analisamos quatro hagiográficas, das quarenta e cinco “histórias sagradas” que compõem o *Livro Quarto em que se contam alguns milagres* (DIAS, 1573, p. 289-383), sendo: *Como por virtude do Rosário se reformaram os bons costumes de um mosteiro* (DIAS, 1573, p. 300-304), *Como por virtude do Rosário sarou uma endemoninhada* (DIAS, 1573, p. 316-318), *Como um homem atormentado do Demônio que sarou por virtude do Rosário* (DIAS, 1573, p. 319-320), e *Como um homem que se tinha dado ao Demônio, foi livre por virtude do Rosário* (DIAS, 1573, p. 321-325). A escolha das mesmas se pautou na presença e aparição da personagem sagrada do Demônio nas narrativas.

“Aquele que atormenta”: a presença da figura do demônio na obra de Frei Nicolau Dias, O.P.

Compreendendo que “[...] o relato hagiográfico obedece a regras precisas, estabelecidas e legadas pelos Pais da Igreja, que instituíram a história do povo cristão na sua marcha para a salvação” (PEREIRA, 2007, p. 168), nosso maior objetivo foi compreender o uso das narrativas hagiográficas enquanto recurso pedagógico de transmissão de valores e de comportamentos feitas pelo frade dominicano Nicolau Dias, na obra Livro do Rosário de Nossa Senhora (1573), especialmente no que concerne a apresentação da figura demoníaca enquanto algo a ser temido e/ou combatido.

Partimos metodologicamente das reflexões de Gerardo Fabián Rodríguez (2012) e Michel de Certeau (1982) sobre a narrativa da hagiografia e sua tipologia. De acordo com os referidos os autores a tipologia textual da hagiografia privilegia os atores do sagrado - santos e santas – e possui por objetivo central e missão edificar ou dar exemplo, exemplaridade (CERTEAU, 1982; RODRÍGUEZ, 2012). A hagiografia está na extremidade da historiografia, nela os fatos narrados são significantes a uma verdade posta que constrói uma organização “edificando” sua manifestação. (CERTEAU, 1982, p. 266).

Ainda, as hagiografias permitem compreender práticas cotidianas por meio de elementos, interações construídas e pelos personagens inseridos na narrativa sagradas. (RODRÍGUEZ, 2012). Tais características textuais são marcadamente expressas no Livro do Rosário de Nossa Senhora (1573), de Nicolau Dias. Ademais, de acordo com Certeau (1982, p. 267), a narrativa hagiográfica, fundamenta-se em um discurso que pretende edificar uma personagem, no caso o santo ou a santa. Nela o indivíduo possui menor relevância

diante da função e tipo de representação que assume na sociedade. Uma imagem é construída por meio de elementos semânticos, na qual uma origem nobre é dada com a finalidade de enaltecer o santo. Essa nobreza não está relacionada diretamente às questões econômicas, mas antes nas virtudes. “Cada vida de santo deve ser antes considerada como sistema que organiza uma manifestação graças à combinação topológica de “virtudes” e de “milagres”.” (CERTEAU, 1982, p. 267).

O frade dominicano Nicolau Dias ao representar o Demônio em suas narrativas, o faz sem apresentá-lo com uma forma definida e clara. Outrossim, Dias (1573) o representa, por vezes, com algumas características dos seres humanos, como os risos. Compreendemos, a partir disso, que Dias (1573), de certa maneira, configura-se enquanto um herdeiro das representações demoníacas enquanto “consciência individual”, já existentes na Idade Média Central. Jérôme Baschet (2006, p. 328), declara que na Idade Média a crença no Demônio se expressava mais nas culpabilidades, atormentações e divisões provocadas pelas “consciências individuais”, do que propriamente sob uma forma física única. Tal concepção possibilitava ao demônio assumir e se apoderar de formas humanas e de expressar ou ser expressão de sentimentos humanos. Na construção narrativa de Fr. Nicolau Dias o Demônio foi expresso enquanto um “espírito” perturbador da psique humana que se apoderava de corpos humanos, do que um ser de forma física definida. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 215).

Embora a quantidade de hagiografias que abordem as ações demoníacas seja reduzida - aproximadamente 8,9 % das narrativas –, as referidas narrativas auxiliam-nos a compreender e verificar os recursos utilizados por Fr. Nicolau Dias para a

promoção de uma moral cristã a ser seguida pelos fiéis e para a promoção do Rosário – arma que auxilia no combate do mal.

Além disto, conjecturamos serem de relevâncias as narrativas construídas contrapondo o “arqui-inimigo” de Deus, ou a divindade negativa do cristianismo, pois a danação e o medo do Demônio eram uma realidade do homem quinhentista. (DELUMEAU, 1967). Diante de tal contexto histórico, permeado pelo medo às ações demoníacas, o dominicano Fr. Nicolau Dias constrói um discurso no qual este ser sagrado, mesmo sendo detentor de um poder excepcional, não conseguia atormentar e atingir os fiéis que recitavam o Rosário da Virgem.

Conta o mesmo Padre fei [sic] Jeronimo no dito livro, que na Província de Aragão, da ordem de São Domingos, havia um Padre chamado frei João Amat, tão devoto do Rosário de nossa Senhora, que senão contentava com o rezar todo cada dia, e trazê-lo sempre ao pescoço, mas nas confissões e pregações, e práticas familiares, admoestava e induzia a todos que se fizessem confrades de nossa Senhora, e fossem muitos devotos do seu Rosário [...] Pregando este Padre numa Quaresma, em um lugar do Reino de Catalunha, que se chama as Borias brancas, três léguas da cidade de Lérida, entrou o demônio em uma moça e atormentava-a muito. Os clérigos esconjuravam-no que saísse dela, mas o demônio zombava disso. E estando-o esconjurando, chegou o dito Padre [frei João Amat], e começou também a esconjurar, especialmente por virtude do Santo Rosário, pondo-lhe ao pescoço. O demônio dava grandes gritos, queixando-se que aqueles grãos o atormentava muito. A noite seguinte estando o dito Padre recolhido, os demônios que atormentavam a moça vieram a ele,

e começaram a mal tratar, trabalhando muito por lhe tirar o Rosário que o tinha. Ele como depois de nosso Senhor toda sua confiança tinha na Virgem gloriosa, e na devoção do Rosário, apertava-o fortemente, e não dizia outra coisa senão Virgem Maria do Rosário ajuda-me. E isto disse tantas vezes, até que os demônios o deixaram. Pela manhã indo o dito Padre para à igreja, encontrou com a moça, e o demônio começou a dizer. Esta noite medo tiveste de nós outros, e senão foram esses grãos que trazes ao pescoço, tu verias o que te fazíamos. Então disse o Padre. Pois por virtude destes grãos, com o nome de meu Senhor Jesus Cristo, e de sua gloriosa mãe, vós saireis do corpo desta moça, e pôs o Rosário no pescoço da endemoniada. Finalmente o demônio desta maneira saiu desta moça, e a deixou de atormentar. E por razão deste milagre, os daquele lugar ficaram todos muito devotos do Rosário de nossa S. e edificaram uma Capela a honra de nossa S. do Rosário, como ainda hoje está. (DIAS, 1573, p. 316-318; grifos nossos).

Denominando o Rosário como o colar de contas, ou “grãos”, que afasta o Demônio e sua legião de anjos Nicolau Dias busca apresentar e convencer o seu leitor das benesses da devoção frente aos desígnios da figura do Demônio. O dominicano português, deixa nas entrelinhas que o colar de contas mariano possuía a eficácia diante das ações do Demônio, porém somente quando o mesmo instrumento fosse rezado adequadamente, desse modo, constatamos que a prática do orar que possuía sua importância no discurso de Dias e não o objeto.

Já na narrativa *intitulada De um homem atormentado do Demônio que sarou em virtude do Rosário*, por exemplo, Fr. Nicolau Dias relata que um homem estava sendo atormentado pelo Demônio

e ganhou dos pais um Rosário abençoado. Além disso, o referido homem foi inscrito em uma Confraria do Rosário. Levando consigo o objeto de devoção e recitando a oração do Rosário, o homem teria compreendido que tais atitudes conduziram a sua libertação do Demônio, uma vez que este não o atormentava mais. Em outras palavras, o Demônio teria observado a perseverança do então “neo-devoto do Rosário” (DIAS, 1573, p. 319-320) e que as novas atitudes o impediam de atormentar o homem.

Ambas as narrativas demonstram que o Demônio foi caracterizado enquanto um “atormentador”, assumindo por vezes o corpo dos indivíduos por meio da possessão. Se faz possível constatar que os embates entre as forças sagradas positivas e negativas, nas narrativas de Fr. Nicolau Dias, se faziam em períodos de vida dos indivíduos, pois em todas as hagiografias o Demônio atormenta pessoas vivas, não almas de defuntos condenados à danação. Ademais, o Demônio é caracterizado enquanto aquele que faz tentações com os humanos e estabelece pactos, por meio de acordos.

[...] um homem muito agastado por se ver pobre não ter com que se sustentar, nem a sua mulher e filhos [...] lhe apareceu o demônio [...] e disse-lhe que se ele quisesse arrenegar de Deus, e do Batismo, e fazer-se seu vassalo, prometendo de ser seu perpetuamente, e de disso lhe desse um assinado feito com seu sangue, que ele lhe prometia de remediar sua pobreza e fazê-lo rico [...] Feito, disse-lhe o demônio que fosse para casa e que casasse em certa parte, e acharia grande quantidade de dinheiro, e assim foi. [...] Um dia este homem foi em companhia ao mosteiro de São Domingos, e esteve a pregação, na qual o pregador repreendeu muito aos que andavam apartados de Deus, e obstinado em

pecado, dizendo os grandes perigos em que andavam. Tratou também muito da misericórdia de Deus, e encomendou a devoção do Rosário, por cuja virtude nosso Senhor obrava muitas maravilhas. Todas estas coisas penetraram o coração daquele homem, e logo se fez escrever por confrade de nossa Senhora, e começou a rezar o Rosário. E ainda que o demônio zombava dele, dizendo que lhe não aproveitava tudo aquilo nada, ele perseverava em sua devoção. Finalmente um dia com grande contrição veio a igreja de São Domingos, e posto de joelhos diante do altar de nossa Senhora do Rosário, começou a orar com muitas lágrimas, e pedir socorro a Virgem gloriosa nossa Senhora, afirmando que se não havia de tirar diante do seu altar, até não entender que nosso Senhor por sua intercessão lhe tinha perdoado seus pecados, e isto entendia se lhe tornasse a mão o escrito que tinha dado [ao demônio]. Coisa maravilhosa, perseverando este homem em sua oração com tanta humildade, viu cair da mão da imagem da Senhora seu escrito [...]. (DIAS, 1573, p. 321-324).

Verificamos, de forma recorrente no discurso de Fr. Nicolau Dias, o destaque dado à perseverança na recitação do Rosário, frente as ações tentadoras, atormentadores e de pacto demoníacos. Par ao autor do *Livro do Rosário de Nossa Senhora*, a almejada libertação e afastamento do Demônio eram conquistadas por meio da perseverança da recitação da oração mariana do Rosário, pois tais atitudes realizariam a aproximação do fiel com a Virgem Maria e o distanciamento com o Demônio.

Considerações Finais

Ao analisar a figura do Demônio na obra *Livro do Rosário de Nossa Senhora* (1573), de Frei Nicolau Dias, observamos que seu autor faz uso da

referida entidade enquanto um recurso pedagógico, tal como o fez Jacopo de Varazze. Todavia, inserido em um contexto religioso, cultural, espiritual, social diferente de Varazze, Fr. Nicolau Dias expressa em sua narrativa as compreensões e representações do demônio enquanto um ser atormentador, tentador e que busca restringir as almas dos indivíduos de acessarem a “salvação celeste”. Esta mesma figura, foi utilizada enquanto ferramenta pedagógica para que os fiéis e leitores da obra não realizassem ações propícias as intervenções demoníacas e que buscassem no Rosário, da Virgem Maria, sua esperança de salvação e fé.

Referências

- ALUCARDA, LA HIJA DE LAS TINIEBLAS (Alucarda). Direção de Juan López Moctezuma. Roteiro de Sheridan Le Fanu e Alexis Arroyo. MEX. Produzido por FILMS 75 e Yuma Films. Dist. Neon Video, 1977, (75min.)
- ANNABELLE: Creation (Annabelle 2: A Criação do Mal). Dirigido por David F. Sandberg. Roteiro de Gary Dauberman. USA. Produzido por Atomic Monster e New Line Cinema. Dist. Warner Bros, 2017, (109 min.).
- BASCHET, Jérôme. Diabo. IN: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário Temático do Ocidente Medieval. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da história. RJ: Forense Universitária, 1982.
- CORDEIRO, André Rocha. **Mater, Virgo et Regina**: Frei Nicolau Dias e o Rosário da Virgem Maria (Portugal-1573). 2017, 180 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, 2017.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionario de los Símbolos. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- DANIEL-HOPS, Henri. **A Igreja da Renascença e da Reforma**. São Paulo: Quadrante, 1999.
- DELFINO, Leonara L.. Senhora das Conquista e das Missões: Origens da Devoção da Virgem do Rosário como Santa Mãe Protetora dos Pretos no Ultramar. **Revista Ars Histórica**, nº 6, p. 107-127, ago./dez. 2013.
- DELUMEAU, Jean. **La reforma**. Barcelona: Editorial Labor, 1967.
- ECCLESIA, Agencia. Vaticano: Diabo não é um «mito», diz o Papa (30/10/2014). Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/vaticano-diabo-nao-e-um-mito-diz-o-papa/>. Acessado em: 29/09/2017.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Apresentação. In: DE VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**: conversas com Jean-Luc Pouthier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LISA E IL DIAVOLO (Lisa e o Diabo). Dirigido por Mario Bava. Roteiro de Mario Bava e Alfredo Leone. IT. Produzido por Euro American Produzioni Cinematografiche, Leone International, Roxy Film e Tecisa. Dist. International Film Distributors, 1973, (95 min.)
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.
- ROCHA, Tereza Renata Silva. “Os Diabos Cômicos”: as criaturas do mal na *Legenda Áurea* (Século XIII). **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nº 2, p. 381-386, 2009.
- ROLO, Raúl de Almeida. Dominicanos. In: AZEVEDO, Carlos Moreira. **Dicionário de História Religiosa de Portugal (vol. 2)**. Lisboa: Circulo dos Leitores, 2010. p. 82-88.
- ROLO, Raúl de Almeida. **Nota Prévia**. In: DIAS, Nicolau. Livro do Rosário de Nossa Senhora. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1573], Ed. 1982.
- THE EXORCIST (O exorcista). Dirigido por William Friedkin. Roteiro de William Pter Blatty. USA. Produzido por Warner Bros. e Hoya Productions. Dist. Warner Bros, 1973, (122min.)
- VAUCHEZ, André. Santidade. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1

Fonte Impressa

- DIAS, Nicolau. Livro do Rosário de Nossa Senhora. Lisboa: Biblioteca Nacional, [1573], Ed. 1982.987.